

JOSÉ GOLDEMBERG

A Amazônia sob ataque

A evolução das técnicas de sensoramento remoto com satélites artificiais permite, agora, que se identifique individualmente cada fazenda que é desmatada praticamente enquanto isso está acontecendo.

A revista *Veja*, há algumas semanas, publicou fotografias obtidas com satélites mostrando com detalhes onde e como o desmatamento ocorre, de modo que a velha desculpa de que a Amazônia é grande demais para ser policiada deixou de ser verdadeira. Não são precisos fiscais do Ibama espalhados pela região nem helicópteros para controlar o que ocorre. Os satélites mostram tudo em pormenores.

O problema, portanto, não é mais o de descobrir quem está desmatando, mas como impedir que o faça.

A história que *Veja* conta é deprimente. Madeireiras que obtêm do Ibama guias falsas ou emitidas com informações tão gerais que podem ser usadas para fazer qualquer coisa. Da mesma forma, pecuaristas cortam a floresta, sem nenhuma contemplação, para criar bois em áreas imensas, já que a qualidade do solo é ruim e não permite grandes rebanhos em áreas confinadas. Essas atividades geram empregos na região e são defendidas por todos ou quase todos os que se podem beneficiar delas, sobretudo os grandes proprietários. Não ocorre a ninguém — nem ao governo — que essa atividade não vai durar muito tempo. A floresta só pode ser cortada uma vez e o resultado é que a expansão do desmatamento em áreas virgens continua e está aumentando.



**Impõe-se
cessar
a política de
encorajar
a migração,
que só
cria ilusões**

Há ainda outro lado da história, que é o reassentamento dos “sem-terra” realizado pelo Incra na região amazônica. Esses reassentamentos reduzem a pressão social do MST em outras regiões do País e dar pequenos lotes a trabalhadores rurais parece, à primeira vista, ser uma política social desejável.

Sucede que a qualidade do solo em boa parte da

Amazônia é inadequada para agricultura sustentada, como, aliás, bem o sabiam os indígenas que habitavam aquelas regiões quando chegaram os primeiros colonizadores portugueses. Os índios queimavam uma pequena área da floresta para suas culturas, usavam a terra fértil durante um ou dois anos e depois se moviam adiante, porque ela não tinha capacidade de sustentar culturas durante muito tempo.

No fundo, os reassentados do Incra estão fazendo a mesma coisa. Como o solo é “fraco” e a tecnologia agrícola usada por eles é primitiva, as centenas de milhares de famílias com pequenos lotes avançam na floresta virgem todos os anos. Mesmo que cada uma delas corte apenas alguns hectares, o grande número deles leva a um desmatamento considerável.

A floresta amazônica está, pois, sob ataque de duas direções: os madeireiros e os pecuaristas, que não são muitos, mas devastam grandes áreas; e um grande número de pequenos reassentados, que desmatam pouco individualmente, mas cujo efeito total é grande.

Foi essa combinação que levou ao aumento do desmatamento da Amazônia, que é uma das manchas sérias na reputação do governo brasileiro.

Cedendo à pressão dos dois lados (“esquerda” e “direita”, poder-se-ia dizer), o atual governo registra as maiores taxas de desmatamento desde 1990, quando ele estava realmente caindo.

Toda a retórica do desenvolvimento sustentado do Ministério do Meio Ambiente cai por terra diante do aumento anual da área desmatada, que já chega perto de 2 milhões de hectares por ano (5 mil campos de futebol por dia!).

As soluções para esse problema não são fáceis, mas ao menos o governo federal poderia tentar resolvê-lo, o que exigiria dois tipos de medidas:

■ Em primeiro lugar, exercer séria fiscalização sobre os grandes desmatamentos, o que é fácil com as técnicas de sensoramento dos satélites — e os desmatadores dessa categoria não são muitos;

■ em segundo lugar, enfrentar o problema que é o das centenas de milhares de reassentados, o que é mais difícil.

O que se impõe, contudo, é cessar a política de encorajar a migração para a Amazônia que só cria ilusões nos que migram. Além disso, é preciso criar opções de sobrevivência para os que já migraram para lá. Isso só pode ocorrer com a urbanização em torno de pequenas cidades e a criação de atividades de caráter agroindustrial, ou mesmo industrial, nelas.

Lembrar a Zona Franca de Manaus, neste contexto, não é uma idéia muito feliz, já que ela gerou outros problemas. O fato, contudo, é que a criação da Zona Franca de Manaus atraiu a população rural para a cidade, o que evitou que o Estado do Amazonas fosse desmatado. Isso não ocorreu no Pará, que, com uma população não muito diferente da do Amazonas, foi amplamente desmatado.

Não há soluções imediatas para o problema do desmatamento da Amazônia, mas o mínimo que o governo federal poderia fazer é evitar que ele se agrave.

■ José Goldemberg foi secretário do Meio Ambiente do governo federal



Capitão